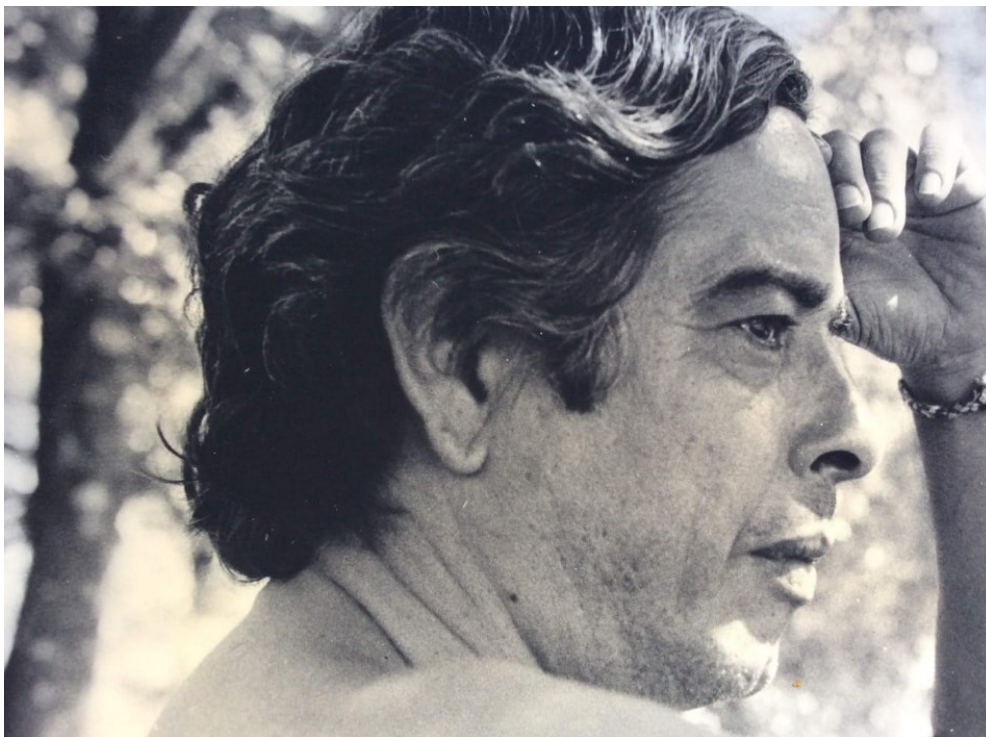


Poesia: modo de viver

Entrevista com Leonardo Fróes



Em maio de 2025, um grupo de poetas, professores e pesquisadores teve a feliz oportunidade de fazer algumas perguntas a Leonardo Fróes. Leitores, admiradores e, também, muitos de nós afeiçoados à escrita, combinamos que cada um elaboraria uma questão para o poeta que, por diferentes razões e de múltiplas formas, marcou a todos de maneira definitiva. Por motivos variados, o atraso na elaboração de um dossiê chamado Ressonâncias: Literatura e Natureza no séc. XIX, ao qual, de algum modo, a entrevista com o poeta estaria relacionada, fez com que o material só viesse a público agora, poucos dias depois de sua morte, notícia que pegou a todos de surpresa, lançando uma sombra de tristeza sobre um trabalho – a entrevista – que tinha sido feito de pura alegria.

Leonardo Fróes foi um dos poetas mais *sui generis* das últimas décadas na cena brasileira. Livre no cultivo das formas da escrita, transbordou e transigiu sempre, aproximando seu estilo literário dos artifícios e segredos do cultivo da terra. Escrever e estar em meio à natureza eram, para ele, uma atividade contínua, de algum modo inseparável. Dedicado igualmente à tradução, retirou-se há mais de cinco décadas do ritmo urbano indo viver na serra fluminense com sua companheira Regina D’Olne. Amado por muitos da geração de poetas surgidos depois dele, teve fama de generoso e de boa prosa. Travou relação com João Cabral de Melo Neto e atendeu sem cerimônia jovens escritores e pesquisadores de diferentes lugares que iam visita-lo de tempos em tempos.

A conversa que aqui lemos corre feito prosa afinada na escuta do bom gesto poético sempre praticado por Fróes. Ela ganha agora também a infinda dimensão da memória que visitaremos sempre para não esquecer que os signos “já em si tão cifrados” não passam de rastros de um fluxo em que a experiência mais radical é a do encontro com o outro.

Edmilson de Almeida Pereira: Querido amigo Leonardo Fróes, em outras entrevistas você deixa entrever que a poesia é "um modo de vida". Como essa ideia se traduz nos seus poemas, ou seja, nos recursos de linguagem que você utiliza ao escrevê-los?

Leonardo Fróes: Digo que poesia é "um modo de vida" porque não há como dizer que seja uma profissão. Muitos têm vivido para a poesia, mas a rigor não há quem possa viver financeiramente só de poesia. Sempre fui um leitor voraz, e a leitura é para mim uma parte indispensável da minha atividade como escritor. O tempo que sobrava para a leitura, quando eu ainda trabalhava no Rio em expediente integral, era insuficiente para as minhas necessidades. Essa foi uma das razões que, aos 30 anos, me fizeram vir morar em Petrópolis, onde continuo até hoje, portanto há mais de meio século. Minha vida no sítio, plantando e colhendo o que eu mesmo plantava, simplificou-se cada vez mais em relação aos condicionamentos anteriores nas grandes cidades onde eu tinha morado, Rio, Nova York, Paris e Berlim. Simplificando-se a vida, simplificou-se inevitavelmente a linguagem na qual eu me expressava em poesia. Tornei-me tradutor e articulista na imprensa para poder me sustentar sem depender de um emprego fixo. Por incrível que pareça, tudo deu muito certo, e sempre pude girar em torno do meu eixo, cumprindo o que para mim era uma vocação. Quase tudo o que escrevi depois dos 30 anos é reflexo direto de alguma coisa que eu estava vendo ou vivendo. Posso citar o meu poema "Amor na moita" como um exemplo disso. Pelo barulho, notei um dia que havia alguém nadando na represa do sítio. Aproximei-me, escondido no mato, e vi que era uma moça linda, nua em pelo, quem ali se banhava. Em vez de incomodá-la, tratava-se provavelmente de uma pessoa passando uns dias no campo, contemplei-a extasiado, saí dali sem ser visto e fui para o escritório registrar a cena em poema. Hoje, se me ocorre comparar o que escrevi antes e depois dos 30 anos, percebo que a linguagem que emprego foi se tornando menos rebuscada, mais espontânea, mais natural e, por assim dizer, mais orgânica, como se a cabeça e o corpo pudessem escrever juntos.

Dirceu Villa: Querido Leonardo, sabemos que os mestres modernistas, como bem os chama, são experiência formativa para você; gostaria de saber o que de mais importante nos diria que terá aprendido com eles.

Leonardo Fróes: Na adolescência, no internato onde estudei, só eu tinha entre os colegas de turma esta grande ambição secreta, a de querer ser poeta, que aliás nem manifestava, por temer parecer ridículo. Os demais já se preparavam para seguir as profissões escolhidas, e todos de fato fizeram depois belas carreiras, um como advogado, outro como médico, um terceiro como diplomata, e assim por diante. Na solidão em que eu vivia, por querer alguma coisa de tão vago futuro, os mestres modernistas, que comecei a ler nessa fase, foram os meus melhores amigos. Os melhores, os mais íntimos. Só eles pareciam me entender, tal como eu entendia emocionado o que era escrito por eles. O que mais aprendi com esses grandes poetas talvez tenha sido a noção de ritmo, que até hoje me parece essencial a qualquer tipo de expressão artística. Tomemos, por exemplo, Bandeira, Drummond, Murilo, três dos maiores, que eu então lia com admiração e proveito. Todos eles são ótimos e, cada qual a seu modo, tendo seu ritmo próprio, todos também são perfeitamente inconfundíveis.

Prisca Aguston: Quando você, Leonardo, senta hoje para escrever, após ter construído uma obra tão sólida e coerente, o que você mais encontra como aspecto essencial no seu ato de escrever: um movimento de continuidade com relação ao seu percurso, ou algum elemento sempre "novo" e "desafiador" que te motiva a escrever? Qual elemento lhe parece mais presente, o do diálogo continuado e ininterrupto consigo mesmo, com suas preocupações e questões ético-estéticas-formais, ou o movimento de renovação, de procura de outras formas de captar o real? ou a alternância entre esses dois polos criativos?

Leonardo Fróes: Creio que os dois aspectos que você põe em foco, o "diálogo consigo mesmo" e o "movimento de renovação", não chegam propriamente a se opor, antes se interpenetram e se complementam na minha prática já tão antiga de uma escrita criadora. Reconheço-me em poemas que integram os meus dois primeiros livros, ainda que as várias formas que passei a utilizar depois deles sejam tão diferentes. O desafio de buscar novas soluções, de não ficar me repetindo sempre nos mesmos moldes, tem sido uma constante ao longo do meu trabalho. Mesmo entre os dois primeiros livros, *Língua franca*, de 1968, e *A vida em comum*, de 1969, já se nota aliás uma guinada formal, um avanço em direção

a algo que eu não sabia o que era e só se tornava claro no próprio ato de escrever. Daí para a frente, se não me engano, foi sempre assim. Cada novo livro que publiquei tomava um novo caminho que formalmente não se evidencia no livro logo anterior. Mas, do ponto de vista do conteúdo, talvez exista uma fidelidade, um certo prolongamento ou constância no que se pode chamar de ideário do autor. A propósito, volta e meia me lembro de uma frase de Sartre que li na minha juventude e até hoje me ajuda a tentar explicar isso. Falando de si mesmo, Sartre escreveu: “Mudei no interior da minha permanência”.

Cristiano de Sales: Estimado Leonardo Fróes, nota-se na cena poética brasileira atual uma boa quantidade de livros e autores que tensionam seus escritos para certa proposta de retorno à Terra, ou, se preferirmos, retorno à Gaia. Em alguma medida, esses poemas e poetas orbitam em torno de coisas que sua poesia também já tensionou, mobilizou, derivou. Nesse contexto, como você tem lido e pensado a poesia de hoje, que é sempre uma mistura de outros tempos também?

Leonardo Fróes: É verdade, o número de poetas que escrevem sobre temas da Natureza parece mesmo estar aumentando. Por exemplo: há quase cinquenta autores presentes, brasileiros, portugueses e africanos, em *O livro do verso vivo*, uma “antologia lusófona de ecopoesia”, organizada por Maurício Vieira e Thássio Ferreira, que saiu em 2023. É um movimento bem interessante esse, se considerarmos que o carinho com a Terra é de fato uma das questões políticas mais avançadas do momento atual. Poetas sempre estiveram na linha de frente dos grandes embates, lutaram contra a escravidão, contra as ditaduras, contra os tabus sexuais e a favor das pautas mais progressistas de diferentes épocas. É normal e compreensível então que agora se identifiquem com a defesa do meio ambiente e conclamem os humanos a lutar contra a destruição do que resta. Lembremos que os poetas do Romantismo brasileiro, a grande maioria dos quais nasceu e passou a infância em zonas rurais do interior, teve uma identificação com a Natureza tão intensa e criativa como a que hoje se constata.

Guilherme Gontijo Flores: Você tem uma longa e importante trajetória como tradutor, que me parece ter sido até agora pouco explorada. Você poderia nos falar um pouco das duas frentes? Por um lado, como você interferiu nas traduções como poeta, na escolha de obras e nas abordagens tradutórias, por outro, dizendo como algumas traduções interferiram na tua escrita autoral?

Leonardo Fróes: Nunca deixei de ser poeta por ter virado tradutor. Mas também nunca interferi propriamente nas traduções que fiz. Minha postura foi sempre a de manter o máximo de fidelidade possível em relação ao original que me cabia passar para o português. A esse respeito, redobrava aliás de atenção e cuidados, já que os autores que traduzi eram todos de reconhecida grandeza. Como poeta, sabia que minha missão era não só criar um novo sentido, mas também um ritmo fraseológico que fosse compatível com aquele no qual eu me espelhava. Para chegar a isso, precisava me dar à escolha mais precisa possível das palavras que eu ia utilizando nas tentativas de imitação dos textos originais. Não vejo como saber, depois de tantas décadas de trabalho, que eventuais contaminações podem ter ocorrido entre as muitas traduções que fiz e os não poucos poemas que escrevi. Mas não descarto a hipótese de que esses dois caminhos, alguma vez, se cruzassem. A propósito, tenho uma ligeira impressão, mas não certeza, de que escrevi o poema “A inalcançável” na mesma época em que estava traduzindo os *Contos completos* de Virginia Woolf. Se realmente foi o caso, o ritmo desse meu poema tão enigmático, que nem eu nunca soube exatamente de que maneira entender, pode ter derivado de uma daquelas contaminações inconscientes que admito ao falar de esforços cruzados.

Gustavo Silveira Ribeiro: Caro Leonardo, num dos seus poemas de que mais gosto, há um verso que me parece sinalizar um ponto importante sobre a sua obra poética: “sinto uma desproteção total violenta”. Gostaria de ouvi-lo sobre essa questão: como a ‘desproteção total’, essa ausência de garantias e essa abertura completa ao mundo (às coisas, aos seres, às palavras) se relaciona com o seu trabalho poético? A sua poesia seria, nesse sentido, uma poesia do risco?

Leonardo Fróes: Sim, acho que tanto a minha poesia quanto a minha própria vida, que talvez tenham se fundido para tornar-se afinal uma só coisa, podem ser caracterizadas como atividades de risco. Nunca eu soube de antemão no que ia dar um poema, se é que daria em algo que valesse a pena guardar, como nunca tive certeza se decisões fundamentais da minha vida, como ir para o exterior com 20 anos ou vir

para o campo aos 30, iriam ou não dar certo. Mas qual de nós, a não ser que se iluda muito, pode se convencer realmente da solidez dos caminhos por onde a existência o empurra? Percebemos, quando prestamos a devida atenção, como tudo o que nos rodeia são visões transitórias de um fluir que não se condensa. Ficamos à mercê da instabilidade dos ventos, que mudam de direção sem mais nem menos, da irrupção tumultuosa dos desejos e das súbitas e poderosas intervenções do acaso. Em suma, há toda uma série de fatores que deitam nossos planos por terra e nos forçam muitas vezes a uma mudança de rota. Assim, dentro de uma casa alagada, como é dito no final de “Dia de dilúvio”, o poema que você menciona, a posição mais sensata e tranquilizadora seja mesmo soltar-se, deixar-se levar, ir “flutuando como onda inconstante na correnteza”.

Jussara Salazar: Há um tema que atualmente me fascina, a literatura chinesa, oriental... Li uma entrevista onde o senhor menciona que escreve seus textos/poemas como se fossem iluminações, algo oposto ao rigor quase exaustivo de Cabral. Observo que cada verso/linha seus têm quase a força pictórica de um ideograma, pela multiplicidade de imagens contidas numa espécie de concisão ao mesmo tempo. Gostaria de um comentário seu sobre esse processo que o aproxima tanto de poetas como Wang Wei e Li Po.

Leonardo Fróes: Meu interesse pelo Oriente acentuou-se na década da 1970, justamente quando passamos a viver no sítio que é nosso até hoje. Desde então, a íntima comunhão com a Natureza foi me afastando cada vez mais do racionalismo ocidental, que é capaz de explicar tudo, mas nunca me satisfaz plenamente. Mesmo que os tenha conhecido em ótimas traduções para línguas europeias, e não no original, os poetas da China antiga, como Wang Wei, Li Po e tantos outros a que também tive acesso, foram essenciais para as visões da vida e do mundo que se alicerçaram em mim. A exemplo deles, não estou em busca de explicações para nada, contento-me em viver o instante que passa, aderir às circunstâncias e saborear o prazer das sensações. Além dos poetas, a partir dos quais fiz as derivações incluídas no meu livro *Chinês com sono*, de 2005, interessei-me também por antigas ficções e narrativas populares da China e de outros três países orientais, Índia, Japão e Coreia. Disso resultou o meu livro *Contos orientais*, de 2003, que para mim é um repositório de lições de sabedoria prática, contidas em maneiras de olhar com naturalidade para tudo o que acontece conosco e no dia a dia no qual estamos inseridos. Nunca tive porém a pretensão de me julgar orientalizado. Apenas tentei fazer uma soma, ou uma síntese, entre modos de ver que não precisam se opor, mas podem muito bem correr em paralelo para obter alcance duplo, como se realmente fosse viável chegar a uma forma de consciência ou saber ocidentoriental.